



## **Andanças do homem de Buenos Aires, de Scholem Aleihem**

Gabriel Steinberg\*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

steinberg1818@hotmail.com

Scholem Aleihem é o pseudônimo literário de Shalom Yacov Rabinovich. O escritor nasceu na atual Ucrânia em 1859 e faleceu em Nova Iorque em 1916. Considerado um dos grandes autores da literatura judaica, escreveu, inicialmente, em russo e em hebraico, porém, foi na escrita em ídiche que alcançou renome internacional. O escritor exerceu forte influência sobre a literatura hebraica por meio da tradução de suas obras feitas por seu genro, o escritor Itzhak Dov Bercovitch, e destacou-se ao descrever a vida e o cotidiano de seu povo, geralmente, com tom humorístico ou irônico.

Em 1900, Scholem Aleichem passou a dedicar-se exclusivamente à literatura, abandonando os negócios que havia herdado de seu sogro. Após falência e pogroms contra os judeus que se sucederam no Império Russo, que teve como consequência a fracassada revolução de 1905, ele abandonou a Rússia, migrando para a Suíça. Em 1914, estabeleceu-se definitivamente nos Estados Unidos, onde veio a falecer em vítima da tuberculose.

Mesmo escrevendo inicialmente em hebraico, na maior parte de sua obra, ele decidiu privilegiar o ídiche, língua na qual escreveu mais de 40 livros, dentre eles romances e peças. Com sua vasta produção, contribuiu para elevar o nível do ídiche a uma língua literária, já que ela não era vista assim até então.

O mundo artístico do escritor revela um panorama único. Sua narrativa apresenta dezenas de personagens, em geral dando destaque a todos os tipos de indivíduos que compunham seu povo, recluso na Área de Residência do Leste da Europa, região na qual os judeus podiam viver sob severas restrições do poder czarista. Ele criou e exaltou, de forma proposital, alguns estereótipos: o judeu perseguido, o judeu sem sorte, o leiteiro simples que dominava e recitava trechos inteiros das Sagradas Escrituras, destacando-se também pela vasta obra dedicada ao público infantojuvenil. Sua escrita carregada de humor, não oculta do leitor o triste cotidiano que caracterizava a vida judaica na transição do século XIX para o XX. Como afirma Jacó Guinsburg,

O leitor dificilmente poderá escapar do mágico convite para que adentre, em envolvente caminhada, o universo ficcional que lhe abre Scholem Aleihem. Hoje, como ontem, ele lhe atualizará com o seu gênio de cenógrafo literário as mil e uma histórias da vida judaica

---

\* Professor no Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.



pelo sopro pulsante que inspira às suas reencarnações como *persona* das criaturas que a viveram nas vielas lamacentas do *shtetl*, da cidadezinha judaica nos rincões estagnados do Império Russo, mas também sob os ventos que começavam a varrê-los e iriam de algum modo destruí-los.<sup>1</sup>

Graças aos contos de Scholem Aleihem, o povo triste e aflito com os lábios cheios de amargura aprendeu a rir. O riso, nesse sentido, quando aparece em suas narrativas, ajudou o povo ameaçado pelos repetidos pogroms, a sonhar com dias mais promissores e a tristeza do dia a dia era momentaneamente esquecida. Segundo Isidor Eliaschoff, o Baal Machschoves,

Scholem Aleihem ensinou o seu povo a rir e conseguiu que, apesar de sua vida anormal e de naufragar num mar de contradições, ao ler suas páginas de humor, este povo se sinta momentaneamente como um estranho que ri de suas próprias desgraças, como se estas não fossem suas, mas de um mundo distante.<sup>2</sup>

Henri Sloves explica o tamanho da revolução que a escrita de Scholem Aleihem criou na literatura judaica quando afirma:

Existem povos infelizes, povos que acumularam, em seu corpo e sua alma, tantos sofrimentos e dores, que em sua boca o riso se torna cada vez mais fraco, cada vez mais tímido, e o sorriso desaparece mais e mais de seus lábios. É esse em primeiro lugar, o povo judeu.<sup>3</sup>

Para Sloves, na literatura judaica, no período dos quase dois mil anos de diáspora, o riso esteve quase ausente. Ele só pareceu esporadicamente na Espanha dos séculos XII e XIII e na Itália do Renascimento, mas o tom dominante era de austeridade, de tristeza, retratando as perseguições e sendo o reflexo do cotidiano sofrido do povo judeu, hostilizado e humilhado em diferentes partes do mundo. Diz ainda Sloves:

o riso judaico, durante séculos e séculos, fundia-se quase em camadas subterrâneas, invisíveis da superfície literária. Refugiou-se nas profundezas da vida social, no humor popular.<sup>4</sup>

O humor apresenta, dessa forma, sob a luz de uma comédia, uma situação de fundo dramático ou mesmo trágico. O judeu nessa modalidade literária ri de suas próprias misérias e das misérias de seu povo. Essa arma subterrânea cultivada de geração em

---

<sup>1</sup> GUINSBURG, 2009, p. 14.

<sup>2</sup> BAAL MACHSCHOVES, 1966, p. 14.

<sup>3</sup> SLOVES, 1966, p. 14.

<sup>4</sup> SLOVES, 1966, p. 26.



geração compensa a fraqueza do braço, que não consegue revidar às provocações constantes, pela fortaleza da alma. Sloves afirma que, após o advento da *Haskalá*, o movimento do iluminismo judaico do século XVIII, o riso que estaria ausente da literatura judaica em hebraico, encontra livre expressão na literatura ídiche que começa então a se desenvolver.<sup>5</sup>

O riso popular expresso na literatura ídiche ganha corpo por meio de uma sátira recheada de sarcasmo, que não poupa nada e ninguém, tal como pode ser visto nos contos de Mên dele Moher Sforim, que influenciou a escrita de Scholem Aleihem. Por meio da voz dos seus personagens, Scholem Aleihem faz ecoar pelo mundo o riso secular que conquistou as massas e, por isso, o escritor ganha, em vida, a admiração e o carinho dos leitores. Segundo Sloves: “os modelos para suas personagens, ele não precisava buscá-los muito longe, estavam ali, pertinho dele, ao lado dele e, no fundo, nele mesmo”.<sup>6</sup>

Se aparentemente Scholem Aleihem apresenta ao leitor uma escrita ingênua e cômica sobre o cotidiano do povo judeu, por meio do riso, mostra a essência mesma desse povo, do homem da rua, do judeu comum. No entanto, sua escrita deve ser vista com reserva, pois há entre as diferentes camadas dessas narrativas, uma crítica, que ora é direta e ora é velada, às mazelas que afligem a sociedade judaica advindas do exterior, mas também, as internas. Segundo Guinsburg, se na escrita de Scholem Aleihem aparece o lado cordial e humano do escritor e de suas personagens, por outro lado

Esta acolhedora saudação não significa, porém, cegueira diante do espetáculo que lhe oferece o seu povo. Se o descreve com carinho e bonomia, também não lhe poupa a crítica. Embora não chegue ao sarcasmo de um Mên dele ou à ironia desdenhosa de um Peretz, que com ele formam o trio magno das letras ídiches, desnuda e aponta o caráter obsoleto das formas de vida desses guetos, seu trágico desarmamento perante as tormentas das modernas transformações sociais e políticas que lhe solapam os próprios alicerces.<sup>7</sup>

Sloves também aponta para essa crítica velada e às vezes ácida que transparece por meio do riso e que pode ser encontrada nos contos de Scholem Aleihem, quando afirma: “No interior da sociedade judaica, o rico, o aristocrata, o arrivista – e Scholem Aleihem os desmascara sem piedade – tornam a vida da gente miúda mais dura”.<sup>8</sup> Dessa forma, as calamidades que afligem a gente miúda do mundo literário

---

<sup>5</sup> SLOVES, 1966, p. 27.

<sup>6</sup> SLOVES, 1966, p. 28.

<sup>7</sup> GUINSBURG, 2009, p. 16-17.

<sup>8</sup> SLOVES, 1966, p. 30.



do escritor vem de fora, mas também de dentro, do seio da sociedade que está prestes a desaparecer nos tempos que sopram sobre a Europa daquela época.

Essa introdução é um pano de fundo para entender “O homem de Buenos Aires”, tema central deste artigo. O conto escancara com humor e ironia a figura de um arrivista, alguém que sempre procura se dar bem, pisando em quem que seja, para se manter num lugar de destaque e, ainda, provocando dor e sofrimento a suas vítimas. O arrivista de Scholem Aleihem tem uma autoimagem extremamente positiva e ativa.

Matan Hermoni, que analisa *Hatsad heafel betzhoko shel Scholem Aleihem* (O lado sombrio no riso de Scholem Aleihem), de Dan Miron, publicado em 2004, afirma que: “Miron parece estar tentando remover de Scholem Aleihem o manto do simples contador de histórias com o qual ele adorava se cobrir”.<sup>9</sup> A escrita de Scholem Aleihem deve, assim, ser entendida com mais profundidade, escavando entre suas camadas o lado sombrio do ser humano para não cair na armadilha de entender sua escrita como uma grande comédia carregada de traços de ingenuidade. Para Hermoni, Dan Miron parece sinalizar que a literatura ídiche não se preocupava apenas com cidras como no conto, nem com as aparências, mas com as forças obscuras e subterrâneas que movem toda grande literatura. Para Miron, Scholem Aleihem encararia assim o oposto da imagem popular que lhe foi atribuída de um comediante de boa índole. Seus contos não se destinam apenas ao prazer, mas trazem uma crítica social contundente. Miron examina o potencial subversivo da literatura ídiche e com isso torna a escrita de Scholem Aleihem mais relevante ainda., pois mina os alicerces da sociedade judaica tradicional numa época de transição para a modernidade.

O conto “O homem de Buenos Aires” inscreve-se nesse contexto literário e histórico de forma paradigmática. Para contextualizá-lo, é preciso entender o panorama geral da época. No final do século XIX, principalmente a partir de 1870, as condições de vida dos judeus nos países do Leste da Europa levaram ao aumento do fluxo migratório em direção aos países da América. Entre a leva de judeus que chegaram à região naquela época e até a década de 1940, estavam aqueles que, originários da Europa Oriental, dedicavam-se à exploração da prostituição e de atividades relacionadas a ela no chamado “tráfico de escravas brancas”. Brasil, Uruguai, e em especial a Argentina, faziam parte de uma rede ampla de países, cujas leis migratórias eram mais flexíveis e as autoridades fingiam não ver o aumento da chegada de mulheres confinadas à força em bordéis. Os rufiões e as mulheres que por eles eram trazidas para a América, lugar no qual eram vendidas como simples mercadoria, não foram incluídos nas organizações comunitárias judaicas que estavam sendo criadas naqueles tempos.

---

<sup>9</sup> HERMONI, 2004.



Os judeus que tinham relação com a prostituição e com o tráfico de mulheres eram chamados “impuros”, os *tmeim*, pelas organizações judaicas e, por isso, não tinham lugar dentro das comunidades, cujos membros se autodenominavam “puros”, em oposição aos primeiros. Essa distinção se manifestou das mais diversas formas, em geral, na exclusão social. Segregados pelas comunidades judaicas estes, em pleno processo de imigração massiva, tentavam a integração às sociedades dos países que os acolhiam, procurando criar uma imagem positiva. Em Buenos Aires, maior centro da prostituição judaica até 1930, foi criada a malvista e rejeitada organização *Zwi Migdal*.

Desde a sua criação, a entidade foi tida como uma organização criminosa que aliciava e traficava mulheres, ludibriando-as desde sua partida da Europa até a chegada à América. A associação foi banida pela polícia e pela justiça argentinas em 1930. Mesmo assim, seus integrantes tinham como propósito, além do tráfico de mulheres, criar uma sociedade de socorro e ajuda mútua, que contava com sede social, sinagoga e cemitério,<sup>10</sup> tentando ganhar, nesse contexto, um ar de respeitabilidade social. O número dos assim chamados “impuros” dentro da comunidade judaica argentina era relativamente pequeno. No início do século XX, ela somava por volta de 15 mil integrantes. Em 1930, seu número tinha passado para quase 200 mil. Em 1932, quando a organização foi desbaratada, a polícia contava com 600 nomes de integrantes da *Zwi Migdal*.<sup>11</sup>

Sob o falso manto de sociedades de ajuda mútua e de caridade, imigrantes judeus que chegaram do Leste da Europa a partir da década de 1870 do século XIX, ergueram em vários locais da América Latina, especialmente em Buenos Aires, casas de prostituição onde comercializavam, extorquiam e se aproveitavam de centenas de jovens judias que, consciente, ou não, embarcavam, voluntariamente, sem saber que destino teriam, ou na maior parte das vezes, eram trazidas à força para serem vendidas em “leilões públicos”, a quem desse o melhor lance.

Essas mulheres, condenadas a passar o resto de suas vidas sob a marca da vergonha e do escárnio público, permaneceriam no ostracismo social e comunitário judaicos. A organização que em 1906 adotou o nome de “Sociedad Israelita de Socorros Mútuos Varsóvia”, contava, desde sua constituição, com a conivência das autoridades políticas e policiais de Buenos Aires que recebiam suborno e se utilizavam de seus

---

<sup>10</sup> O cemitério da Sociedad Israelita de Socorros Mútuos Varsóvia, que posteriormente mudou seu nome para Zwi Migdal, foi adquirido em 1906 no bairro de Avellaneda, na grande Buenos Aires. Atualmente, ele se encontra em estado de abandono contendo mais de 2000 túmulos de rufiões e de prostitutas. Esse cemitério é contíguo ao Cemitério Israelita de Avellaneda, localizado na Av. Crisólogo Larralde, 14100, no bairro de Villa Domínico.

<sup>11</sup> LORI, Aviva. *Haaretz*, 1 maio 2009.



serviços. Os líderes da organização mantiveram um padrão de vida e uma exposição de luxo e de ostentação durante sessenta anos ao menos, valendo-se da violência para neutralizar toda oposição a suas lucrativas atividades. Em 1927, por pressão do cônsul da Polônia em Buenos Aires, a organização foi obrigada a mudar de nome, o que mostra que sua má fama tinha ultrapassado as fronteiras argentinas. *Zwi Migdal*, a nova denominação, homenageava um dos antigos líderes do grupo, Henrik Zwi Migdal.

A vergonha e o constrangimento que a existência da *Zwi Migdal* provocou na comunidade judaica argentina, eram muito grandes e a divisão entre “puros” e “impuros” cada vez mais nítida. Os integrantes dos dois grupos optaram naqueles anos e, ao longo das décadas seguintes, por apagar essas lembranças da memória coletiva judaica, tanto na Argentina quanto no Uruguai e no Brasil. Por esse motivo, são poucos os dados que foram desvendados, e a divulgação mais ampla no Brasil teve início há duas ou três décadas. Na Argentina, uma das fontes mais fidedignas é o livro escrito pelo inspetor da polícia Julio Alsogaray,<sup>12</sup> que desmontou a *Zwi Migdal* em Buenos Aires a partir de 1930. Ele estimou em algumas centenas o número de mulheres judias *ashkenazitas* que se ocuparam nessas décadas da prostituição, e em aproximadamente 200 casas oficiais e não oficiais, que empregavam em Buenos Aires essas mulheres e atendiam clientes de todas as classes sociais da capital. Naquela época, a prostituição era uma atividade legal na Argentina e cada mulher que exercia a profissão era obrigada a registrar-se no serviço de higiene da prefeitura, que exercia assim, supostamente, um controle, por exemplo, sobre a propagação de doenças sexualmente transmissíveis.

Um aspecto importante na trágica história das mulheres envolvidas no tráfico para a América Latina, e que aparece no romance de Moacyr Scliar, *O ciclo das águas*, publicado em 1975, provavelmente uma das primeiras narrativas em português a trazer a tona a temática das prostitutas judias no Brasil, era a vontade que esses judeus, os chamados “impuros” que, em Buenos Aires e a outras cidades como Rio de Janeiro, Santos, Manaus, fizeram questão de manter as tradições judaicas. Como afirma Alberto Dines na apresentação do livro de Beatriz Kushnir, *Baile de máscaras*, ao referir-se às “polacas” no Rio de Janeiro, ou seja, às mulheres judias que para aqui foram trazidas na mesma época, e que se aplica certamente às mulheres obrigadas a serem prostitutas em outros lugares da América Latina, e seus rufiões, mantiveram um forte vínculo com a tradição judaica. Como a maior parte da comunidade os rejeitava, manter o apego à religião a às tradições mesmo que em seu pequeno círculo, era sua forma de resistência. Para Dines, essas mulheres:

Eram chamadas em ídiche *die linke*, literalmente as esquerdistas, mas na realidade, eram as outras, as marginais, as que ficaram na

---

<sup>12</sup> ALSOGARAY, Julio. *Trilogia da la trata de Blancas*. Buenos Aires: [s. n.], 1933.



contramão da rígida moral da comunidade. Tiradas da miséria dos guetos e das pequenas cidades da Europa Oriental, foram enfiadas nos bordéis da Praça Onze e da Lapa. As polacas logo converteram-se em cafetinas, muitas casaram-se com seus rufiões e constituíram família. O surpreendente é que, apesar da rigorosa segregação a que foram condenadas pelos conterrâneos e correligionários, não se assimilaram ao meio brasileiro no qual estavam integradas de forma tão aviltante. Ao contrário, mantiveram intacta a herança cultural que trouxeram na bagagem. Confinadas ao submundo, constituíram uma sub-comunidade organizada: tinham seu cemitério, sua sinagoga com os rolos sagrados. Organizaram sua sociedade beneficente, até montavam seus próprios espetáculos teatrais.<sup>13</sup>

O conto “O homem de Buenos Aires”, cuja tradução é apresentada a seguir, foi escrito por Scholem Aleihem em 1909, e faz parte da coletânea *Sipurei Tohu* (As histórias do Caos), traduzida do ídiche para o hebraico por Dan Miron, em *Sipurei Tohu* (*Histórias do Caos*). O texto a seguir é a tradução do conto do hebraico para o português.

### **Tradução do conto “O homem de Buenos Aires” (1909)**

Viajar de trem não é algo tão deprimente quanto os outros pensam; desde que você esteja em boa companhia. Às vezes, você pode ter a sorte de viajar com um comerciante, um homem de negócios. Se isso acontecer, então nem sentirá o tempo passar. Mas às vezes, pode acontecer de você encontrar alguém que não é um comerciante, mas apenas uma pessoa experiente, inteligente e polida, um “cachimbo fumante”, um que conhece o mundo como a palma da mão. Viajar com essa pessoa torna-se um prazer. Você pode até aprender com ele algo de bom. E às vezes, Deus envia até você apenas um viajante animado, alegre e falante; e ele fala e fala e fala, sua boca não se fecha com tanta fala, pois apenas sobre si mesmo ele fala, apenas sobre si mesmo.

E eis que, com uma criatura dessas tive a sorte de me encontrar uma vez, e viajar com ela por um longo caminho.

Nosso encontro começou – como é mesmo que ocorrem os encontros dentro de um vagão de trem? Foi de uma forma boba. “Você sabe o nome desta estação?” Ou: “Que horas são?” Ou: “Talvez você tenha um fósforo?” E assim, rapidamente, nos tornamos bons amigos, quase como se nos conhecêssemos quem sabe desde quando. Na primeira parada em que o trem parou por alguns instantes, ele já me agarrou pelo braço, me levou direto à cantina, e mesmo sem perguntar se eu bebia, ordenou que fossem servidos dois copos de conhaque. Imediatamente depois, ele deu uma

---

<sup>13</sup> DINES, Alberto. Apresentação. In: KUSHNIR, Beatriz. *Baile de máscaras*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.



piscadela e mandou que eu pegasse o garfo. E quando terminamos de comer todos os tipos de salgados e quitutes que havia nesse lugar, ele ainda pediu dois jarros de cerveja. Depois disso, fumamos - ele seu cigarro e eu outro cigarro - e dessa forma nossa amizade foi selada.

— Eu tenho que lhe dizer sinceramente, sem um toque de bajulação, - diz para mim meu novo conhecido enquanto estamos sentados no vagão.

— Eu gostei de você, acredite em mim ou não, desde o primeiro momento em que o vi. Apenas fiquei de olho em você e imediatamente disse para mim mesmo: Eis aqui uma pessoa com quem é possível trocar umas palavras. Eu odeio, você ouve, odeio sentar-me como um espantalho e ficar de boca calada. Eu gosto de conversar com as pessoas. E realmente foi por isso que comprei uma passagem na terceira classe, para que eu tivesse alguém com quem conversar. Geralmente, eu costumo viajar na segunda classe. E você acha que não posso me permitir viajar de primeira classe? Eu posso pagar uma passagem na primeira classe também. Você acha que estou apenas me vangloriando na sua frente? Olhe aqui.

E após essas palavras, meu astuto colega tirou do bolso de trás e abriu na minha frente uma carteira cheia de dinheiro, e dando um tapinha nas minhas costas como se eu fosse um travesseiro macio, devolveu a carteira ao bolso.

— Não se preocupe, e ainda tem mais.

Eu olho para essa criatura e de forma alguma consigo determinar quantos anos ele tem. É possível que ele tenha quarenta anos; como também que tenha vinte e poucos anos. Seu rosto é liso e redondo, um pouco bronzeado, sem sinais de barba e bigode. Seus olhos são pequenos e sorridentes. E ele, por si só, é um nanico arredondado, porém ágil e vivaz, vestido elegantemente da cabeça até a ponta dos pés, tal como eu gosto: uma camisa branca como a neve, com botões dourados, uma gravata nova de seda com um broche de alfinete fino enfiado nela, um elegante terno azul da melhor lã inglesa, um par de sapatos de couro preto. No dedo da mão, um pesado anel de ouro com um diamante, que brilha ao sol com milhares de brilhos (o anel, se não for falso, deve custar nada menos que quatrocentos ou quinhentos, se não mais).

Vestir-se bem - isso é, na minha opinião, a coisa mais importante numa pessoa. Eu mesmo gosto de me vestir bem e de ver o outro bem-vestido também. De acordo com a vestimenta, posso notar quem é uma pessoa decente e quem não é. Há quem afirme que não há evidências a respeito desta minha convicção. É possível, dizem eles, vestir-se bem e fazer e cometer uma série de infrações. Mas deixa eu te perguntar, e você me responda exatamente a isto: Por que todo mundo se veste bem? Por que fulano veste um terno desse tipo e outro de um tipo diferente? Por que alguém compra para si uma gravata borboleta da marca Atlas, de cor verde-pérola, enquanto outra pessoa procura uma gravata esportiva mais informal, e justamente vermelha e com bolinhas brancas?





Eu poderia ter trazido muitos outros exemplos como este, mas isso não parece valer a pena. É preferível voltarmos ao meu mais novo conhecido para que possamos ouvir a história que ele nos contará:

— Assim, meu amigo gentil. Eu, como você pode ver, posso me permitir viajar na segunda classe. Você acha que estou economizando dinheiro? Dinheiro é lixo; mas fazer o quê? Acredite em mim ou não, eu gosto de viajar na terceira classe. Isso porque, eu sou uma pessoa simples e amo as pessoas simples. Eu, me entenda bem, sou muito justo. Comecei minha carreira de baixo, muito de baixo, desta forma! (meu novo conhecido abaixa a mão em direção ao chão e me mostra o quão baixo ele começou sua carreira). Mas eu cresci bem alto (meu novo conhecido levanta sua mão e aponta para o teto afim de me mostra o quão alto ele chegou). Mas não foi tudo de uma vez. Não se entusiasme. Foi devagar, gradualmente. No começo, era empregado de uma outra pessoa. O que eu disse “empregado”? Ha-ha-ha! Até chegar a ser um empregado de alguém – muita água correu debaixo da ponte! Quando às vezes me lembro, você ouve? O que eu fui quando era criança, meus cabelos ficam de pé, acredite em mim ou não. Eu realmente não consigo me lembrar disso. Eu não posso me lembrar e eu não quero me lembrar.

— Você pode achar que talvez seja porque eu tenha vergonha? Pelo contrário. Eu digo a todos quem eu sou. Quando me perguntam: de onde você é? – Então, eu não tenho vergonha de dizer que sou de uma grande cidade, Sochmaken. E você sabe onde fica essa Sochmaken? Essa cidadezinha se encontra em Kurland,<sup>14</sup> não muito longe de Mitau,<sup>15</sup> mas ela era chamada mesmo de Sochmaken. Ela é tão grande que eu provavelmente poderia comprá-la hoje por inteiro. É possível que enquanto isso, a cidade tenha mudado, que tenha crescido – isso não posso garantir a você. Mas, na minha época, Sochmaken não podia se permitir comprar mais do que uma maçã, e que ainda era passada de mão em mão, de uma dona de casa para outra, com o intuito de decorar com ela, a mesa dos convidados no *Shabat* após o jantar.

— Nessa Sochmaken, eu cresci recebendo sonoras bofetadas e socos, que deixavam meus olhos vermelhos e marcas azuis no corpo, e ainda por cima – cresci com o estômago sempre vazio, faminto. De nada, você ouve, me lembro tão fortemente, quanto da fome. Eu estava com fome desde o momento em que vim para o mundo do Santo cujo Nome seja abençoado, e com fome estive desde o dia em que tomei consciência da minha existência. Fome, mágoa e um terrível tédio! Você sabe o que é

---

<sup>14</sup> Kurland: É uma das regiões históricas e culturais da atual Letônia. Foi ocupada de forma alternada, primeiro pelo Império Russo, e em 1915, pela Alemanha.

<sup>15</sup> Mitau: É uma cidade da atual Letônia, e cujo nome atual é Jelgava. Até 1919 foi a capital do distrito de Kurland. Até essa data, quando a Letônia se tornou um país independente, a cidade era chamada pelos poloneses de Mitawa e pelos alemães de Mitau.



cânfora? É uma substância que cresce em árvores, e é usada pelos músicos nos arcos de instrumentos de corda. Foi graças a isso que eu vivi, acredite ou não, durante um verão inteiro. Isso foi no verão em que meu padrasto, alfaiate, um verdadeiro macaco de nariz achatado, quase deslocou meu braço e me expulsou da casa da minha mãe, e eu fugi de Sochmaken para Mitau. Você está vendo este braço? Até hoje, deve ter um sinal.

E meu novo amigo puxa uma manga, me apresenta um braço macio, rechonchudo e saudável, e continua com sua história.

— Em Mitau, eu estava com fome, nu, com os pés descalços; rolei por todos os lixões, até conseguir, graças a Deus, um emprego. No meu primeiro emprego, me tornei acompanhante de um cantor litúrgico já idoso. Na juventude, ele foi um cantor glorificado em certos lugares, mas, na velhice, ficou cego dos dois olhos, e se viu obrigado a pedir esmolas, e eu, me tornei seu ajudante. O trabalho em si não era ruim. Mas eu tinha que ter nervos de aço para suportar os caprichos do cantor litúrgico. Nunca, você ouve, nunca ele estava satisfeito. O tempo todo, sem parar, ele resmungava, me beliscava, quase que arrancava pedaços da minha carne. Ele dizia que eu não o conduzia para onde era preciso fazê-lo. Para onde ele queria que eu o levasse, sinceramente, até hoje não sei. Era um verdadeiro louco esse cantor! Mas fora isso, ele me criou para fazer boas ações. Ele se gabava na frente de todos, acredite você ou não, que meu pai e minha mãe se perderam no mau caminho, e que a mim, eles queriam levar na mesma direção, e que fora ele que com muitos problemas, dificuldades e agonia, conseguiu impedir que eu me perdesse entre os gentios. E eu era obrigado a escutar todas essas mentiras, e me segurar para não cair na gargalhada! Pelo contrário, ele ainda exigia que eu fizesse expressões de tristeza enquanto contava essas histórias.

— Em resumo, percebi que eu não desejava envelhecer perto desse cantor. Então larguei meu “emprego” fugindo de Mitau para Liepaja.<sup>16</sup> Depois de vagar algum tempo com fome por Liepaja, juntei-me a um bando de migrantes pobres. Os migrantes estavam se preparando para pegar um navio para um lugar distante com o intuito de chegar até Buenos Aires. Então comecei a implorar para que eles me levassem também a Buenos Aires. Quem? Disseram. O que? Isso é impossível. Não cabe a eles decidir. Depende do comitê. O que o comitê decidir será feito. Então eu fui ao comitê, chorei, me joguei no chão, até que os convenci e eu também embarquei para Buenos Aires.

— Perguntei a mim mesmo o que é Buenos Aires? Quem é Buenos Aires? Mas como todo mundo estava indo, então eu também fui. Foi só quando chegamos a Buenos Aires que eu soube que estávamos viajando para mais longe ainda, e que Buenos Aires era apenas um ponto a partir do qual nos enviariam a lugares diferentes. E

---

<sup>16</sup> Liepaja: a terceira maior cidade da atual Letônia.



assim foi. Quando chegamos a Buenos Aires, imediatamente fomos registrados e nos enviaram para lugares em que o primeiro homem, você ouve, nem sequer ele tinha visitado em sonhos. E depois de chegar, nos levaram imediatamente para o trabalho. Você provavelmente queira saber que tipo de trabalho era esse, mas é melhor não perguntar. Nossos ancestrais que estiveram no Egito, provavelmente não tiveram que trabalhar como nós trabalhamos, e os problemas que eles tiveram que enfrentar, narrados na *Hagadá*,<sup>17</sup> não eram, você ouve, nem um décimo do que nós estávamos passando. Dizem que nossos antepassados tiveram que preparar a massa, fazer os tijolos e construir as cidades de Pitom e Rámses.<sup>18</sup> Grande coisa! Queria ver se eles tentariam igual que nós, cultivar com as mãos nuas, extensas e áridas extensões cobertas por espinhos; lidar com touros terrivelmente grandes, que com um único movimento são capazes de esmagar uma pessoa; ou com cavalos selvagens, que devem ser perseguidos com um laço por cem milhas até serem capturados. Queria ver se eles aguentariam ao menos uma vez verdadeiros pernilongos durante as noites, desses capazes de cortar de você pedaços de carne. E ainda se seriam capazes de mastigar cana-de-açúcar seca que tem gosto de pedras, e beber água lamacenta, rançosa, cheia de vermes. Uma vez, acredite em você ou não, olhei para o rio e vi meu rosto, e fiquei com medo de mim mesmo. Minha pele estava descascada, os olhos inchados, as mãos deformadas, as pernas estavam cobertas de sangue e os cabelos extremamente desleixados.

— É você mesmo? O jovem de Sochmaken? – Pronunciei para mim mesmo essas perguntas e caí na gargalhada. E de fato, naquele dia, cuspi para os touros, para os cavalos selvagens, para as pradarias desoladas e para as águas cheias de vermes, e retornei a pé a Buenos Aires.

— Mas me parece que na estação em que paramos agora deve haver um grande restaurante. Dê uma olhada no seu guia. Você não acha que já é hora de colocar alguma coisa na boca? A propósito, somente depois de comer terei forças para contar mais detalhes.

Jantamos abundantemente uma boa refeição regada de uma boa cerveja, e depois continuamos fumando bons e perfumados charutos, verdadeiros charutos Havana de Buenos Aires, e depois de nos sentarmos em nossos assentos no vagão, meu novo conhecido de Buenos Aires continuou com seu relato.

— Buenos Aires, escute-me bem, é um lugarzinho, desde o dia em que Deus criou o mundo...! Na América você já esteve? Na cidade de Nova York? Nunca? E em

---

<sup>17</sup> *Hagadá*: nome do livro de melodias e textos que é lido na noite do início de *Pessach*, quando é narrado, durante a celebração, o relato da libertação dos hebreus da escravidão no Egito.

<sup>18</sup> Pitom e Rámses: cidades mencionadas na Bíblia nas quais os hebreus foram escravizados. Êxodo 1:11.



Londres? Não? E em Madri? Em Constantinopla? Paris? Também lá não estive? Bem, então não posso descrever na sua frente o que Buenos Aires é. Só posso lhe dizer que a cidade é um abismo! Um Inferno! Inferno e paraíso ao mesmo tempo. Quero dizer, para alguns é o paraíso, para outros – o inferno. Só não se pode dormir no ponto, é preciso saber escolher o momento certo, e então é possível fazer fortuna. Acredite, o ouro rola por lá pelas ruas. Você anda e pisa em ouro. Você se inclina, estende a mão e pode pegar o quanto quiser. Apenas é preciso tomar cuidado para não ser pisoteado, trapaceado. E o mais importante: não se deter por nada. Não mergulhar em pensamentos. Não ficar meditando a respeito do que lhe agrada ou não lhe agrada. Tudo deve ser bom e agradável para você. Ser um garçom em um restaurante – é bom; trabalhar como balconista numa loja – também é bom. Lavar garrafas numa taverna – é bom; ajudar a empurrar uma pequena carroça – é bom; correr pelas ruas anunciando as notícias do jornal – é bom; lavar cães – é bom; alimentar gatos – uma boa; caçar ratos – é bom, e tirar deles as pequenas peles que os cobrem – isso também é bom. Numa palavra – tudo por lá é bom, e eu já tentei de tudo, e em todos os lugares, você está me ouvindo, eu percebi uma coisa: trabalhar a mando de outra pessoa não vale nada. É mil vezes melhor que os outros trabalhem para você. O que fazer se foi assim que Deus criou o mundo? Existe sempre aquele que deve suar e preparar a cerveja, e o outro deve bebê-la. O que fazer então se existe aquele que deve enrolar os charutos, e o outro que pode fumá-los? E o maquinista do trem que dirige a locomotiva enquanto um operário carrega o carvão e outro trabalhador que deve engraxar as rodas deste trem, em cujo vagão você e eu nos encontramos agora contando estas histórias. Se isso não agrada a alguns, então que vão e que criem o mundo novamente.

Então eu olho para meu astuto colega e penso: o que pode ser esta alma? Será que estou na frente de um novo rico? Será que começou a nova vida na América como alfaiate e agora é dono de uma loja de roupas prontas? Ou talvez ele tenha virado um industrial? Ou é dono de alguns apartamentos? Ou ele é apenas um homem rico que pode viver de juros e de rendas? Mas vamos deixá-lo continuar. Certamente ele mesmo explicará tudo isto melhor.

— Este é um mundo inteligente, está me ouvindo, um mundo doce e um mundo bom, e viver neste mundo é realmente um deleite para a alma! Apenas é preciso tomar cuidado para não deixar que ninguém cuspa no teu mingau. Eu, está me ouvindo, eu agitei, me joguei para todos os lados, trabalhei, como se costuma dizer, em toda espécie de trabalho. Nenhum dos trabalhos foi muito difícil para mim. Nenhum meio de vida me desagradou. E se você quiser saber, não há no mundo nenhum meio de vida, de sustento, que seja feio. Todos os meios de subsistência são lindos; desde que você ganhe a vida com honestidade e seja um homem de palavra. Eu sei disso por mim mesmo. Não pretendo me gabar na sua frente dizendo que sou



o rabino de Lemberg.<sup>19</sup> Mas você pode acreditar em mim: eu não sou um ladrão, nem um assaltante, e nem um bandido. Que eu tenha um ano bom, está me ouvindo, pois eu sou um comerciante honesto. Esta minha ocupação, é um negócio justo, eu não engano ninguém. Você não encontrará perto de mim nenhum gato escondido dentro de um saco. Em suma, você quer saber o que eu sou? Eu sou apenas um fornecedor como dizem entre vocês. Eu forneço bens ao público; uma mercadoria que todo mundo conhece, mas que ninguém fala a seu respeito. E por quê? Porque o público é bastante inteligente, mas algumas pessoas são muito limitadas. Elas odeiam quando alguém fala que o preto é preto e que o branco é branco. Pelo contrário, eles prefeririam que alguém lhes dissesse que o preto é branco e que o branco é preto. Então, o que se pode fazer com isso?

Olho para meu astuto colega de Buenos Aires e penso comigo: “Mestre do Universo, o que é esta criatura? Que tipo de mercadoria ele entrega? E qual o significado das palavras estranhas que ele me disse sobre preto e branco ou sobre branco e preto?”. Mas eu não sinto vontade de interrompê-lo e perguntar: “Tio, o que você comercializa?”, e então prefiro deixá-lo prosseguir com sua fala.

— Em resumo, onde estávamos? Ah sim, nos meus negócios atuais em Buenos Aires. Meu negócio, na verdade, não é em Buenos Aires. Meu negócio, se você quer mesmo saber, está em todo lugar, em todo o mundo: em Paris, em Londres, em Budapeste, em Boston. Mas o escritório central se localiza em Buenos Aires. É uma pena que não estejamos agora em Buenos Aires. Se estivéssemos, eu o levaria ao meu escritório, e lhe mostraria a oficina e as 'pessoas'. Comigo as “pessoas” vivem, acredite ou não, como os Rothschild.<sup>20</sup> Eles não trabalham por mais de oito horas por dia. Comigo, todo “homem” é considerado um ser humano. E você sabe o porquê? Porque eu já fui um “homem”, um assalariado, exatamente como aqueles que agora são meus sócios. Nós somos três sócios. Anteriormente, havia apenas dois parceiros, e eu era o “homem” deles. Eu era o braço direito deles. O negócio todo, como eu poderia dizer, estava nas minhas costas: comprar as mercadorias, vender as mercadorias, avaliar as mercadorias, classificar as mercadorias por classes – tudo eu... Eu tenho um olho, acredite ou não, que quando apenas olho uma mercadoria, posso dizer imediatamente quanto ela vale e para onde pode ser destinada. Mas isso por si só não é suficiente. Nos nossos negócios, não basta um olhar atento. Você precisa, além disso, você está me ouvindo, um faro, um olfato aguçado... Você deve ser capaz de cheirar a uma milha de distância que tipo de cão está enterrado ali. Você precisa saber onde se pode bater, e onde você pode quebrar os ossos e afundar na lama, está me ouvindo? E tudo para que depois tenha o que contar para seus filhos e netos.

---

<sup>19</sup> Lemberg: denominação alemã para Lviv, cidade do oeste da Ucrânia, perto da fronteira com a Polônia.

<sup>20</sup> Rothschild: famosa família de banqueiros judeus da Europa.



Muitos 'mocinhos', você sabe, existem neste mundo. Há muitos olhares observando nossos negócios. E os nossos negociantes estão realmente preocupados com o que se chama de “olho gordo”, ha-ha!... Um passo em falso, e nem dez rios serão capazes de lavar a sujeira... Se apenas algo acontecer, haverá imediatamente uma grande gritaria, uma comoção, manchetes nos jornais. E os jornais não precisam de mais nada. Para eles, será um presente dos céus; o principal é que eles terão algo com o que fazer barulho, alardeando, insuflando o fogo, gritando que há perigo de vida, insurgindo a polícia a agir. No entanto, e isso eu revelo a você em segredo, que a polícia de todo o mundo, ha-ha!, está no nosso bolso. Se eu só mencionasse agora o valor anual que a polícia nos custa, você ficaria assustado... Para nós, acredite ou não, dar significa dar: dez mil, quinze mil, vinte mil!

Com essas palavras, meu astuto colega balança a palma da mão como que espalhando algumas notas a sua volta. Nesse momento, seu anel de diamantes reluz com o brilho do sol. E o homem de Buenos Aires que se vangloria com os altos valores, faz uma pausa por um momento para verificar que impressão causou em mim sua conversa sobre o dinheiro e então, ele prossegue:

— E quando às vezes, é preciso pagar mais ainda, o que você acha, existe uma escolha? Nesse assunto, somos realmente confiáveis; quero dizer nós, os três sócios. Qualquer valor prometido à polícia, e são sempre milhares, eles sempre acreditam em nossa palavra. Nós pagamos todos os valores prometidos, é nossa palavra de honra. Acreditamos na palavra um do outro. Nenhum de nós oculta nada dos outros, você está me ouvindo? Pelo contrário, tente ocultar algo e você terá um fim sombrio. Nós nos conhecemos bem, você ouve, conhecemos o lugar e conhecemos o mundo inteiro. Cada um de nós tem seus agentes e seus próprios espíões. Mas o que você achou? Um negócio que se baseia na palavra de honra não poderia ser diferente. Mas você não acha que seria bom e certo se descêssemos de um pulo na próxima estação afim de molhar a garganta?

Foi o que disse meu astuto companheiro, segurando minha mão e olhando nos meus olhos. Obviamente eu não tinha nada contra um salto na estação seguinte, e nada contra um tempo para beber alguma coisa. Uma a uma as garrafas de limonada estalaram, e meu amigo bebeu com tanto desejo que era de causar inveja. E enquanto ele bebia, um pensamento me atormentava: com que tipo de mercadoria está lidando o homem de Buenos Aires? O que ele faz com tantos milhares? E como é que a polícia do mundo inteiro está no seu bolso? E por que ele precisa de agentes e de espíões? Será que ele é um contrabandista de diamantes falsos? De mercadorias roubadas? Ou ele é apenas um charlatão, um fanfarrão, um desses bons rapazes cuja conversa faz parecer que tudo cresce de maneira estranha e descontrolada? Para nós, agentes comerciais, quando temos a sorte de tropeçar com um desses homens que causam estranheza pelos seus exageros e invencionices, costumamos apelidá-los de *agroisist*, em outras palavras, uma pessoa para a qual tudo vai em grandes



quantidades. Já em ídiche, ele é simplesmente um judeu mentiroso, que está apenas inventando coisas. Depois dessa pausa, começamos novamente a fumar charutos, tomamos nossos lugares, e o homem de Buenos Aires voltou a sua fala habitual:

— E então, onde, por exemplo, nos encontramos, eu e meus atuais sócios? Como eu já lhe contei, antes eles foram meus patrões, e eu, como já lhe disse, era o 'homem' deles. Não posso difamá-los dizendo que eles foram maus patrões. Sinceramente, como eles poderiam ser ruins comigo se eu era leal a eles como um cão? Cada centavo deles, você escuta, era precioso para mim e como se fosse meu. E por causa deles, eu adquiri inimigos, inimigos que odeiam minha alma! Houve épocas, acredite em mim ou não, que quiseram me envenenar por causa da minha lealdade, simplesmente me envenenar. Eu posso me gabar na sua frente, está me ouvindo, de que os servi da maneira mais honesta possível. É verdade que também nunca esqueci de mim mesmo. Um ser humano nunca deve esquecer de si mesmo. Uma pessoa deve sempre lembrar que ele não é mais que um ser humano. Hoje ele está vivo e amanhã? Ha-ha! E trabalhar para sempre para uma outra pessoa – isso certamente não é um bom plano! O que sou eu, um ser sem mãos? Sem pernas? Ou sem língua? E, em particular, eu sabia que eles não poderiam se virar um dia sequer sem a minha presença. Eles não podem e lhes é proibido, pois existem segredos, você ouve, segredos e mais segredos, como é a norma no mundo dos negócios. Por isso, uma vez, num dia claro, fiquei inspirado e fui falar com meus chefes e lhes disse: “Olá, prezados Senhores!”. Então eles olharam para mim e perguntaram: “O que isso significa?”. E eu disse que nesse momento lhes desejava paz e saúde. E eles perguntaram: “O que aconteceu?” Então eu disse: “Até quando é possível continuar assim?”. Eles olharam um para o outro e me perguntaram: “Quanto capital eu tenho?” E então eu lhes disse: “Por mais que eu tenha, digo, pela primeira vez, será o suficiente, mas, se não for o suficiente, então Deus é pai e Buenos Aires, uma grande cidade.” É claro que eles entenderam minha intenção. E por que não haveriam de entender minha intenção? Por acaso o cérebro deles encolhera? E foi assim que nos tornamos parceiros desde então. Três sócios, três chefes de igual valor. Entre nós não há quem tenha mais e quem tenha menos. Pelo que Deus nos dá, nós também não brigamos. Porque haveríamos de brigar quando, graças a Deus, lucrarmos bem, o negócio cresce, e a clientela cresce cada vez mais enquanto a mercadoria se valoriza. Cada um de nós tira da parceria o quanto precisa para suas próprias despesas, e olha que todos nós temos grandes despesas. Somente eu, sem ter esposa e filhos, acredite em você ou não, tenho três vezes mais despesas que qualquer outra pessoa que possui esposa e filhos. Apenas o que gasto com caridade anualmente, qualquer outra pessoa desejaria ter esses proventos nesses valores. Você sabe que não há nada no mundo que não me custe dinheiro: a sinagoga, o hospital, o fundo de ajuda aos imigrantes, concertos. Você sabe, Buenos Aires é sem dúvidas, uma grande cidade! E as outras cidades? Até mesmo a Terra de Israel, acredite ou não, já está me custando



dinheiro. Recentemente, recebi uma carta de uma *Yeshivá*<sup>21</sup> em Jerusalém. Uma carta elegante, enfeitada com uma Estrela de Davi, com selos e assinaturas rabínicas, endereçada diretamente a mim com os dizeres: “Ao distinto e honorável Rebe Mordechai”, Ah-ah-ah! Então eu reflito que, se eles são pessoas tão gentis que me chamam pelo meu nome, então eu não posso ser um porco e deixar de lhes enviar uma doação. Até aqui foram doações modestas. Mas agora, como está minha cidade natal, Sochmaken? Sochmaken recebe da minha parte todos os anos, acredite ou não, um chapéu igual a este cheio de dinheiro! Cada vez mais recebo cartas de Sochmaken com novos pedidos. Cada carta apresenta uma nova desgraça. Nem falar quando sou solicitado a doar para a compra dos alimentos na Páscoa. Agora estou viajando para Sochmaken, e eu já sei de antemão que não sairei de lá sem ter deixado por lá mil... Que estou dizendo mil? Tomara pudesse me livrar deles doando dois mil, mas certamente serão três mil. Isso é pouca coisa? Este homem não esteve em casa por muito tempo, praticamente desde..., ha-ha! Mas afinal, Sochmaken continua sendo minha casa! Sei de antemão que toda a cidade sairá apressada, e todos virão correndo exaltados e alegres dizendo: “o Motek<sup>22</sup> chegou, nosso Motek de Buenos Aires!”. Uma celebração! Acredite em mim. Eles aguardam minha chegada da mesma forma como esperam pelo Messias. Pobres coitados. De cada estação pela qual passo, lhes informo que já estou chegando. Todos os dias eu envio um telegrama para eles dizendo: “Estou chegando” e assino Motek. Acredite em mim ou não, mas eu já estou morrendo de vontade de chegar a Sochmaken o mais rápido possível, dar uma olhada em Sochmaken, poder beijar a terra de Sochmaken, a poeira de Sochmaken. Com o perdão de Buenos Aires, de Nova York, de Londres e de Paris! Afinal, Sochmaken é minha casa!

Após pronunciar essas palavras, parecia como se a cara do meu colega tivesse mudado. Seu rosto parecia completamente diferente, como se estivesse ficando mais jovem e mais bonito. E seus olhos pequenos brilhavam como fogo, um novo brilho de alegria, orgulho e amor. Um amor verdadeiro, não fingido. Só uma coisa me causava pena: eu ainda não conseguira descobrir o que ele realmente fazia, com que ele negociava. Mas antes mesmo que eu pudesse parar para pensar muito, ele voltou a falar e disse:

— Você sabe por que eu realmente estou indo para Sochmaken? Um dos motivos é porque sinto muita falta da cidade; uma outra razão é para poder visitar os túmulos dos meus antepassados. Eu tenho lá, no cemitério, pai e mãe, irmãos e irmãs – uma família inteira. E, a propósito, também sinto vontade de me casar. Até quando se pode ficar solteiro? E se o casamento for arranjado, então quero alguém de Sochmaken, alguém da minha cidade, do meu status, da minha família. Eu já escrevi

---

<sup>21</sup> Yeshivá: escola rabínica.

<sup>22</sup> Motek: diminutivo de Mordechai, termo que também denota carinho, simpatia.





para meus amigos em Sochmaken, pedindo para que eles procurem alguém decente para mim. Eles me escreveram que eu só preciso chegar em paz, e que tudo vai dar certo de qualquer maneira. Eu sou uma pessoa assim, meio louca. Uma vez em Buenos Aires me ofereceram as moças mais bonitas do mundo. Eu poderia, você está me ouvindo, arranjar alguém para mim mesmo que nem o sultão turco tem. E, no entanto, eu disse para mim de uma vez por todas: Não! Para me casar, devo viajar a Sochmaken. Eu quero uma moça honesta, uma filha do povo de Israel. Ela pode ser pobre, eu não ligo para isso. Vou cobri-la de ouro; derramarei ouro sobre seus pais; farei toda sua família feliz. Eu a levarei para Buenos Aires; decorarei para ela, você está me ouvindo, um palácio inteiro como para uma princesa. Eu não deixarei que um grão de poeira a atinja. Ela será muito feliz comigo, acredite você ou não, será a mulher mais feliz no mundo! Ela não precisará se preocupar com nada, exceto com a família, com o marido e com os filhos. E meus filhos, todos estudarão: um medicina, outro engenharia e um terceiro será advogado. Já as filhas, eu as enviarei a um internato judeu, sabe você onde? Em Frankfurt.<sup>23</sup>

Após todas estas palavras, o condutor do trem entrou em nossa cabine, com o intuito de pegar os bilhetes de viagem. Sempre notei, quem sabe quantas vezes, que o condutor está habitualmente apressado, e que ele costuma aparecer exatamente quando você não espera. E então, um grande tumulto se instalou no vagão. Todo mundo pegou suas bagagens, e eu também. Eu precisava descer do trem e me deslocar para uma outra linha. O homem de Buenos Aires me ajudou a arrumar as malas e, nesse ínterim, tivemos uma conversa cujo teor reproduzo aqui, palavra por palavra:

O homem de Buenos Aires: É uma pena que você não esteja seguindo em frente nesta viagem. Não terei mais com quem conversar.

Eu: O que se pode fazer? Minhas obrigações e o sustento me chamam.

O homem de Buenos Aires: Muito certas são suas palavras. Meios de subsistência são meios de subsistência. Vou ter que adicionar a diferença no preço da passagem e passar para a segunda classe. Felizmente posso, graças a Deus, me permitir pagar uma passagem na primeira classe. Eu, quando viajo de trem...

Eu: Não fique aborrecido por eu estar lhe interrompendo. Temos em total meio minuto. Mas eu queria te perguntar uma coisa.

O homem de Buenos Aires: O que, por exemplo?

---

<sup>23</sup> Segundo Miron, o homem de Buenos Aires confia nas instituições educacionais da Ortodoxia Judaica em Frankfurt am Main, na Alemanha. Estes aderiram à observância religiosa, mas também deram aos alunos educação secular, conhecimento de idiomas, assim como o ensino das práticas sociais burguesas.



Eu: Por exemplo, eu queria te perguntar – oh, já se escuta o sinal de partida! – Qual é o seu negócio? O que você comercializa?

O homem de Buenos Aires: O que eu comercializo? Ha-ha-ha! Não sou comerciante de cidras, meu amigo, não vendo cidras!

Eu já me encontro com minha bagagem do lado de fora do trem e ainda vejo, de pé, diante dos meus olhos, o homem de Buenos Aires com seu rosto liso e alegre, com o charuto perfumado entre os dentes, enquanto ressoa nos meus ouvidos sua sonora risada.

— “Não é com cidras que eu me ocupo meu amigo, não é com cidras!”.

### Referências

ALEIHEM, Scholem. Haish Mibuenos Aires (O homem de Buenos Aires). Disponível em: <https://www.korebasfarim.com/2014/12/29/>. Acesso em: 31 maio 2016.

BAAL-MACHSCHOVES. O escritor de um povo. *Scholem Aleihem, A Paz Seja Convosco*. Tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1966. Coleção Judaica.

GUINSBURG, Jacó. Scholem Aleichem, A paz seja convosco! *WebMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2009.

HERMONI, Matan. Illuminating the Dark Side of Yiddish. *Haaretz*, 10 dez. 2004. Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/culture/1.4785829>. Acesso em: 11 maio 2016.

HERMONI, Matan. Ma, zonot yehudiot lo neenot misex brutali tov? (O que? Prostitutas judias não gostam de um bom sexo brutal?) *Haaretz*, 4 jun. 2007. Disponível em: <http://www.haaretz.co.il/misc/article-print-page/1.1415392>. Acesso em: 11 maio 2016.

KUSHNIR, Beatriz: *Baile de máscaras*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LORI, Aviva. Rachel Lea Liberman haytá haprutzá hayehudiá sheepila het hamafia hayehudit beArgentina (Raquel Lea Liberman foi a prostituta judia que derrubou a máfia judia em Buenos Aires). *Haaretz*, 1 maio 2009. Disponível em: <http://www.haaretz.co.il/misc/article-print-page/1.1258486>. Acesso em: 11 maio 2016.

MIRON, Dan. *Sipurei Tohu (Stories of Chaos, by Shalom Aleichem)*. Jerusalém: Keter, 2010.

SCLIAR, Moacyr. *O ciclo das águas*. Porto Alegre: Editora Globo, 1982.

SLOVES, Henri. O riso de Scholem Aleihem. *Scholem Aleihem, A Paz Seja Convosco*. Tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1966. Coleção Judaica.

-----

Recebido em: 23/02/2021.



# Arquivo Maaravi

Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG  
ISSN: 1982-3053

Aprovado em: 23/03/2021.